

VICTORIANO BRAGA

INIMIGOS

COMÉDIA EM TRÊS ACTOS



LISBOA

J. RODRIGUES & C.[•]

186, RUA DO OURO, 188

1927

VICTORIANO BRAGA

INIMIGOS

Comédia em três actos

*Representada pela primeira vez em 11 de Dezembro de 1926,
no Teatro Politeama, de Lisboa*

ULFOTW 2189



LISBOA

J. RODRIGUES & C.^ª

186, RUA DO OURO, 188

1927

PERSONAGENS

Pela sua ordem de entrada na scena :

LEONOR — É uma mulher de vinte sete anos ; estatura mediana, cabeleira curta tóda em caracóis. — Olhar vivo, penetrante, por vezes duro e até com assomos de crueldade ; mas é, também quando ela quere, duma doçura infinita. — A discutir, tem movimentos e atitudes um tanto másculos, que correspondem a uma intelligência superior e exercitada em assuntos pouco femininos ; é, no entanto, o mais feminina e o mais industriosa possível, nas scenas de amor e de sensualidade. — Leonor é afinal uma actriz como tódas as mulheres mais ou menos são ; mas Leonor, collocando a sua arte acima do seu sentimento de mãe e de amante, é a mais actriz de tódas as mulheres.

Vestida de sêda preta nos dois primeiros actos, o vestido deve ser simples e duma grande elegância ; muito decotado, sem mangas e com as alças muito estreitas. Quando no final do 2.º acto, Leonor deixa escorregar pelos ombros nus, com abandono, a capa de sêda em que, momentos antes, se tem envolvido, o espectador deve ter a impressão, momentânea, de que vai admirá-la em tóda a sua nudez. — No 3.º acto, traz vestido, sôbre a pele, um elegantissimo *robe-de-chambre*.

RICARDO DE GOMIDE — Trinta e seis anos cansados, mas bem aprumado de figura ; cabelo sôlto, puxado para a nuca e já muito branco, contrastando com fortes vestígios de mocidade. Fronte enrugada pela maleabilidade da expressão. Olheiras fundas de grande *gozador*, narinas dilatadas, olhos misteriosos duma sensualidade estranha, esgazeando, como os de um louco, quando se exalta ou medita profundamente, mas duma expressão quasi feminina, quando se sente animado ou o lisonjeiam na sua enorme vaidade. — Arrogante por natureza, é-lhe, contudo, frequente, um ar de tédio por tudo que o cerca, uma preocupação de homem

que, tendo uma consciência perfeita da moral e do dever, se sente, por uma fíria dos sentidos, arrastado para uma vida condenável.

Veste um jaquetão preto ou escuro; a gravata preta ou escura também.

O CRIADO de *Diogo Goldstein* — Meia idade. Muito correcto e solícito; ar inteligente, dando a perceber, sem exagêro cómico, que luta com falta de vocábulos para exprimir com exactidão perfeita as suas ideas. É o criado particular de Diogo Goldstein, o seu escudeiro, e, afeito ás aventuras amorosas do amo, ajuda-o nas conquistas como um perdigueiro ajuda o caçador.

Veste com correcção uma casaca sem distintivo algum.

DIOGO GOLDSTEIN — Um velho rapaz de cincoenta anos. Esbelto, de movimentos rápidos, mecânicos que surpreendem pelo contraste com a fleugma natural da personagem, dando-lhe uma expressão satânica. — Cabeleira loira, já um pouco encanecida, cuidadosamente penteada, de cabelo partido ao meio e bandós puxados para a nuca. Patilhas. — Diogo Goldstein é pela educação um *gentleman*, pela raça um homem de negócio. A sua aristocracia provém-lhe do dinheiro; o dinheiro é o seu deus, ganhá-lo a sua religião, e, por isso, só da riqueza espera a felicidade. — Sabe ser amável, sabe, até, aparentar ternura, diz e faz o que lhe é preciso, sem sentir coisa nenhuma. — Representa a vida como um grande actor.

Veste *smoking* com a mais requintada elegância, servindo-se do monóculo, sem o largar dos dedos, como os antigos se serviam da luneta dum vidro só.

JULIETA — Foi uma linda mulher e ainda o é, com perto de quarenta anos. A formosura tem sido a sua enxada; foi actriz por ser bonita, por ser bonita é mãe duma filha que adora e que é tóda a razão da sua vida. Para dar todo o conforto, para que nada falte à filha que é doente, Julieta não hesita em mercadejar os seus encantos, e, com tanta franqueza o faz e confessa, que nos deve dar a impressão de que nunca representou na sua vida.

Veste um elegante vestido de noite.

MARIAZINHA, *filha de Julieta* — Uma rapariga franzina de quinze anos; olhar febril, ar infeliz de quem não sabe bem ao certo como veio cá a este mundo.

Vestida com rigor para a hora e para a idade.

RUI MANUEL — Um gentil homem de trinta e cinco anos, ami

mado pelos pais, por ser filho único; acarinhado por todos, devido à sua grande fortuna. Nunca receando que o chamem à responsabilidade dos seus actos, é um distraído, uma grande criança, a nada prestando uma demorada atenção. — De nascimento semelhante ao de Ricardo de Gomide, seu antigo companheiro de escola, a quem admira pelo talento, embora com êle não possa comunicar intelectualmente, estima-o por uma afinidade de educação, sentindo mesmo uma certa vaidade em poder servi-lo, cultivando a sua gratidão.

Representa os dois primeiros actos em que entra vestindo com a maior elegância um fato de passeio.

O DOUTOR — Cincoenta anos. Tipo mixto de sábio e de santo: barba preta muito ao de leve salpicada de brancas; fronte espacosa, rosto severo, falando com gravidade e até com uma certa dureza. Só no 2.º acto, na sua última scena, com Ricardo de Gomide, falando-lhe na filha, a sua fisionomia toma uma expressão de doçura e de franqueza, e a voz um tom familiar de amizade.

Veste de preto com a maior correcção. Chapeu mole e preto também.

A acção decorre numa noite de outubro

ACTUALIDADE

A PEÇA TEVE A SEGUINTE DISTRIBUIÇÃO :

LEONOR	D. Ilda Stichini
RICARDO DE GOMIDE	Snr. Raúl de Carvalho
O CRIADO DE GOLDSTEIN	Snr. Manuel Bessa
DIOGO GOLDSTEIN	Snr. Alexandre de Azevedo
JULIETA	D. Albertina de Oliveira
MARIAZINHA	D. Adelina Campos
RUI MANUEL	Snr. Constantino de Carvalho
O DOUTOR	Snr. António de Melo

ACTO PRIMEIRO

Um parque de hotel luxuoso situado na encosta duma montanha. Do lado direito da scena vê-se parte do rés-do-chão e primeiro andar do edificio. Á direita baixa, uma porta larga que é a entrada principal do hotel e á qual dão acesso três degraus de pedra. A seguir uma janela iluminada que não precisa de ser praticável, e, quebrando o canto, outra porta com guarda-vento saliente, envidraçado, e também iluminado, dando para a casa de jantar. A esta porta dão igualmente acesso degraus de pedra em semicírculo. Á esquerda, arvoredos.

Ao fundo uma balaústrada de pedra, interrompida a meio para dar passagem para uma escadaria que se supõe ir dar aos jardins. Esta balaústrada prolonga-se para a direita e para a esquerda a perder de vista, e por detrás dela, á esquerda, devem ver-se, quasi á mesma altura, as copas das árvores dos jardins.

O pano de fundo representa um panorama de serranias que fecham o horizonte.

LEONOR, poucos instantes depois de subir o pano, assoma á porta do hotel e desce, vagarosamente, os degraus de pedra que dão para a scena. RICARDO segue-a. A atitude de ambos é de preocupação.

LEONOR, olhando atentamente para Ricardo, como a querer desvendar a causa da sua tristeza.

Estás triste, Ricardo !... (Com ciúme) Tu tens saudades !...

RICARDO, com convicção

Não ! Tenho remorsos !

LEONOR

Remorsos de teres abandonado a tua casa ?

RICARDO

Não ! Tenho remorsos de te não ter encontrado...
(Emendando) — de não ter procurado encontrar-te mais cedo
na vida ! (Com grande máguia) E tinha sido possível !...
(Com desespero) E tinha sido possível !

LEONOR, lisonjeada, terna

Como eu seria feliz se pudesse ligar-te todo o meu
passado !

RICARDO, olhando-a fixamente, com uma expressão dolorosa

O teu passado, Leonor !...

LEONOR, vagamente, como recordando

Foi triste !... Muito triste !... Minha mãe morreu
era eu pequena e... depois de mulher (Com grande sinceridade)
e tenho um filho, Ricardo ! não tive nunca um
prazer igual ao que sinto quando beijo as tuas mãos...
(Sensual) estas mãos que me trituram quando não confias
em mim... (Com convicção) Eu procurei-te sempre na vida
sem te conhecer !

RICARDO, com um sorriso de dúvida, mas lisonjeado

Creio lá !

LEONOR

Não duvides !... Procurei sempre o homem a quem
pudesse entregar-me com vaidade... A quem pudesse
sacrificar com orgulho todo o meu orgulho !... (Muito
sincera) E tu és o homem que eu procurava na vida !

RICARDO, rapidamente, olhando-a com amargura

Nesse caso... por que me não esperaste ?

LEONOR, com vivacidade

Por que te não esperei ?! Tu queres saber por que te não esperei, Ricardo ?!... É tempo já de o saberes... Somos amantes há dois meses ! (Noutro tom) Sentemo-nos ali...

Sentam-se à esquerda da scena. Leonor toma a mão direita de Ricardo, que aperta entre as suas.

RICARDO, depois duns momentos de silêncio e como um sonâmbulo

Por que me não esperaste ?... Dize !

LEONOR

Vais ouvir uma história triste... de pouco interêsse...

RICARDO, com vivacidade

De pouco interêsse se é a tua ?!... Vá ! conta-ma depressa !

LEONOR, como recordando

Era ainda pequena e já ganhava a minha vida rodeada de miséria, trabalhando como actriz nos palcos mais modestos...

RICARDO, muito interessado e surpreendido com a sua própria maneira de sentir

Conta... conta !... É estranho !... Não me aflige visionar-te rodeada de miséria !

LEONOR

Ouve ! (Continuando a sua história) Sendo meu pai um músico notável, ser actor era o seu maior desejo... a sua idea fixa !

RICARDO, prestando-lhe tóda a atenção

Sim... acontece isso muito...

LEONOR

Entrou para o teatro e sucedeu o que era de esperar... raro é ser-se perfeito em duas artes. (Com um sorriso vaidoso) Eu... era graciosa... tinha quinze anos!... Bonita nunca fui, oh! nunca! (Com orgulho) Bem o sei!

RICARDO, pegando-lhe nas mãos com ternura

Se não és bonita, Leonor, então... obrigaste-nos a ter uma nova visão da beleza!

LEONOR, muito lisonjeada

Escuta, meu amor... (Com uma ternura sensual) demónio da minha vaidade!.... (Noutro tom) Deixa-me acabar...

RICARDO, com curiosidade

Sim... sim... continua!

LEONOR

Meu pai não tardou a desiludir-se de triunfar na sua nova arte, e... apoquentado com dividas... tendo lançado mão dos últimos recursos... observou em mim, além da minha paixão pelo teatro, disposições naturais para vir a ser uma actriz interessante...

RICARDO, friamente

Procedeu com inteligência... no entanto... com... (Hesita)

LEONOR, continuando-lhe a idea

... com poucos escrúpulos!... las dizer?... Sim... tal-

vez... Se os sentiu, foram vencidos pelos conselhos de uma má mulher com quem a êsse tempo já vivia, e acabou por consentir em que eu fôsse actriz...

RICARDO, sombrio

Depois?...

LEONOR

Depois, Ricardo!... Para ti não devo aparentar modestia: a minha estreia foi um triunfo!

RICARDO, disfarçando a contrariedade, num sorriso gelado

Ah!... sim?!

LEONOR, recordando com entusiasmo crescente

Um grande triunfo! Estreei-me no Teatro do Parque, que é um teatrinho modesto e... não calculas o que foi! Logo no primeiro intervalo o meu camarim e o corredor fronteiro encheram-se de gente que me queria conhecer e felicitar! Jornalistas... autores... e outros homens que eu não tinha visto nunca... (Entristecendo rapidamente) alguns olhando-me de um modo... como nunca ninguém me tinha olhado...

RICARDO, muito contrariado, não podendo dominar uma curiosidade sensual, diz de chofre:

De que modo olhavam?... Dize!

LEONOR

Não sabes como, Ricardo?... De um modo que, naquele tempo, me pareceu misterioso... horrível... (Noutro tom, sensual). Olharam-me como tu!... Como tu olhaste para mim naquela tarde em que me lêste um trabalho teu... a primeira vez que nos vimos frente a frente! O efeito é

que foi bem diverso: enquanto o teu olhar produziu em mim o desejo irresistível de ser tua... de te pertencer inteiramente como uma escrava... o olhar dêles causou-me não sei que vago pavor... uma insuportável repugnância!

RICARDO, num tom reservado

E todos te causaram êsse efeito desagradável?

LEONOR, com sinceridade

Todos!

RICARDO, com mal disfarçado azedume

Então como se explica a existência do teu filho?!

LEONOR, surpreendida

A existência do meu filho?!...

RICARDO

Sim!... Também dirás que tiveste pelo pai de teu filho... essa insuportável repugnância... êsse pavor?!...

LEONOR, com grande amargura

Ricardo!... Ricardo!... Tu és cruel para mim! Eu não conheci o pai de meu filho na noite da minha estreia; conheci-o muito depois de ser actriz!

RICARDO, alucinado, cerrando os dentes

Fôsse quando fôsse!... Conheceste-o... cortejou-te... aceitaste-o... possuiu-te!

LEONOR

Oh! sim!... Sem dúvida... foi assim!... E se não

queres ouvir as razões que me levaram a aceitá-lo... então, Ricardo ! que vida poderá ser a nossa... se... como tu dizes tantas vezes... o teu amor por mim existe, pela certeza que te tenho dado em mil juramentos sagrados, de que nunca desejei... de que... só compreendi o que era prazer em amor... a primeira vez que me apertaste nos teus braços !...

RICARDO, fitando-a como a ler-lhe bem na alma

Sim... sim... É certo que tu me afirmaste só teres experimentado prazer nos meus braços...

LEONOR, com grande solenidade

Jurei-to e juro-to de novo pela felicidade de meu filho ! É tu sabes bem quanto eu quero ao meu filho !... (Com grande convicção) Sabendo que iam matar-me se não jurasse por êle, e não pudesse jurar com inteira verdade... preferiria mil vezes a morte ! (Altiiva) Acredita, peço-te !

RICARDO

Acredito porque tu o juras !... Porque quero acreditar !... mas tortura-me a idea de que há um homem neste mundo que recorda quando quere que tu lhe pertenceste !... É o facto de tu lhe não queres... sim !... de te entregares contrafeita... com repugnância... pode ter sido ainda para êle... para o seu espirito...

LEONOR, interrompendo, com ironia triste

Para o seu espirito !...

RICARDO, continuando, com violência

... mais um requinte !... Um prazer maior ! (Com grande

exaltação, numa raiva louca de quem luta contra o irremediável) Oh ! não haver um meio de o fazer esquecer que te possuiu !... Não poder eu atormentá-lo tanto !... tanto !... que na sua alma só coubesse a noção do sofrimento !

LEONOR

Socega, filho ! Que exaltação a tua ! Se conhecesses o homem a quem por minha desgraça pertenci, estou certa de que, embora sofresses com a idea, não te martirizarias desse modo ! Horroriza-te pensar que viva ainda no seu espirito a recordação do prazer que lhe produziu a minha posse... (Com um sorriso amargo) Como te enganas ! Como tu sofres inutilmente !... É preciso que saibas quem era esse homem !... É preciso que conheças a vida que eu levava em casa de meu pai... de meu pai, que era absolutamente dominado pela tal mulher que me maltratava, depois de me extorquir tudo quanto eu conseguia ganhar como artista ! Durou seis anos o martirio !... Pensava já em sair de casa... em fugir, quando recebi uma proposta magnífica para ir representar num dos primeiros teatros de declamação... Nesse momento, julguei-me no direito de libertar-me... e então... escolhi, entre os homens que me perseguiam com propostas desonestas, dentro e fora do teatro, aquele que na aparência mais me respeitava... aquele que julguei me pudesse servir melhor — não para marido ou para amante, porque era como todos os outros indifferente ao meu coração ; mas como companheiro... como guarda contra toda aquela matilha... e por isso o escolhi — forte !... que ao mesmo tempo me desse inteira liberdade para eu praticar a minha arte, sem que impusesse a sua opinião, e por isso... o escolhi — tolo !... em quem pudesse mandar como se manda num laçao, dando-lhe o sustento diário... e não vi !... que assim escolhia... um canalha !

RICARDO

E quando percebeste que êle era um canalha... por que te não separaste imediatamente ?

LEONOR, com firmeza

Por orgulho !

RICARDO

Por orgulho ? !

LEONOR

Sim !

RICARDO

Estranho orgulho o teu !...

LEONOR, altivamente

Por quê... estranho ? !

RICARDO, aparentando uma grande sinceridade

Leonor ! Não tenho desejo algum em que triunfem as minhas razões neste caso... O meu descanço... a minha felicidade seria quasi completa se me convencesse de que não tenho razão alguma... Eu vou ajudar-te... Vou ser o teu advogado contra a minha própria opinião !... Quasi me daria por satisfeito se percebesse que tu, com sinceridade, não encontravas causas para o meu sofrimento... que intimamente, estavas convencida de que não procedeste nunca movida por um sentimento affectivo... amoroso... pelo pai de teu filho !... Vá !... Eu vou ajudar-te a vencer-me... a destruir a minha própria convicção !

LEONOR, ainda com mais altivez

Não !... Não é necessário !... Não quero !... Bastam as minhas razões... as razões que eu sei dar !



ACABOU DE IMPRIMIR-SE EM
JUNHO DE 1927, NA IMPRENSA
LUCAS & C.^a, SITA NA RUA DO
DIARIO DE NOTICIAS, 59 A 61.

———— LISBOA ————